O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 136

1 DE OUTUBRO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

O ALMIRANTE BARÃO DO AMAZONAS, FRANCISCO MANOEL BARROSO DA SILVA, FALLECIDO EM MONTEVIDEU A 9 DE AGOSTO DE 1882

(Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, Gervasio Lobato — Antonio Rodrigues Sampaio. Eduardo Coelho — O Almirante Barão do Amazonas, J. B. — Successos do Egypto, R. — As nossas Gravuras — O theatro da Rua dos Condes, Maximiliano de Azevedo — Ephemerides Artistico-Litterarias, Silva Pereira — Publicações.

GRAVURAS. — O Almirante Barão do Amazonas — Lord Wolseley, general em chefe do exercito inglez no Egypto — Exposição Internacional de Bordeaux, pavilhão da exposição especial de vinhos e licores — Abrantes — Brazil, casa onde nasceu o Visconde do Rio Branco, na Bahia — Enygma.

SUPPLEMENTO. — Antonio Rodrigues Sampaio.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha cerca de quatro mezes Marianno Pina, partindo para Paris, onde ia occupar o logar de correspondente da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, deixou-nos encarregado de o substituir na correspondencia de Lisboa para o *Diario de Bellem* do Pará.

Semanas depois da sua partida recebemos uma carta do Pará, em que o sr. Francisco Antonio de Moraes, condoido com a sorte do infeliz Paradas, essa triste victima da justiça portugueza, cuja historia fôra minuciosamente descripta nas correspondencias de Lisboa para o *Diario de Bellem,* enviava uma lettra de 50 mil réis sobre o *Banco de Portugal* para ser paga á ordem de Marianno Pina, e destinada a auxiliar o pobre Paradas na sua viagem para a sua terra.

O generoso leitor do *Diario de Bellem,* com uma ingenuidade de quem não conhece a justiça portugueza, imaginava que o Paradas, sendo reconhecidamente innocente, como tudo o prova, estaria já rehabilitado e solto quando a sua carta chegasse a Lisboa.

Engano completo. O Paradas está ainda preso, como se realmente fosse o assassino do padre Manoel Joaquim Mendes.

Toda a gente sabe que não foi elle, que não podia de fórma alguma ser elle, sabe-o a justiça, mas é o mesmo que se o não soubesse, e o mais que faz por essa sua victima, e já é muito, é vêr se lhe alcança o perdão real. O perdão para um innocente que expia durante doze annos de captiveiro os erros da justiça humana! A justiça alcança-lhe o perdão, em vez de lh'o pedir! É a rehabilitação que se dá a esse homem, a indemnisação dos doze annos de liberdade perdida, de trabalhos passados, da deshonra immerecida, da calumnia infamante, é a esmola da commutação da pena que não mereceu, é o perdão, por amor de Deus, áquelle que tanto tem soffrido por causa dos homens!

Apezar da avultada esmola do generoso cavalheiro do Pará não poder ter a applicação, que elle, fiado demasiadamente na justiça da nossa justiça, lhe destinára, fomos entregal-a ao Paradas no dia 20 de setembro, ao Limoeiro.

Não sabemos se alguns dos nossos leitores viu já alguma vez o Limoeiro, nós, sem ser por vaidade de apresentar aqui a nossa folha corrida, declaramos ingenuamente que nunca lá tinhamos entrado.

Ficámos completamente desnorteados. Ha muitos annos que ouviamos dizer muito mal das nossas cadeias, e acreditavamol-o piamente, porque acreditamos piamente em tudo quanto se disser de mau ácerca da administração da justiça portugueza, mas, com o Limoeiro, tinhamos sido espantosamente illudidos na nossa má fé. Ao pé do que é o Limoeiro, tudo que me tinha dito d'elle a má lingua nacional, não passava d'um sonho côr de rosa de poeta lyrico de bom paladar.

O Limoeiro não se descreve n'um jornal limpo. Imagine-se tudo o que ha de mais immundo, de mais asqueroso, na alma humana e nos caneiros publicos, e terão uma pallida imagem do Limoeiro.

A impressão que se sente ao entrar os humbraes enxovalhados d'aquella casa do crime, e da immundice, não é o horror é o nojo.

Tudo aquillo é reles, é sujo, é pelintra, é um ultraje á dignidade humana e á hygiene publica.

Nós comprehendiamos uma cadeia assim n'uma cidade extremamente aceiada e limpa, onde o pòvo tivesse pela agua a adoração que o nosso tem pelo fogo de vista, e onde as classes infimas fizessem tanto uso do sabonete como as nossas fazem da navalha.

N'uma terra e n'um povo assim o Limoeiro comprehendia-se, era o peior dos castigos, a maior das pennas; porque a verdade é que as sentenças dos tribunaes de Lisboa são perfeitamente rhetoricas, — condemnado a 5 annos de cadeia, é uma figura pomposa que quer dizer simplesmente, condemnado a 5 annos de insectos vís; condemnado a prisão perpetua, quer dizer stritamente condemnado a immundice por toda a vida.

Porque no fim de contas, o castigo que o Limoeiro representa é unicamente este; um castigo enorme para quem tem por habito lavar a cara, mas que não passa do pão nosso de cada dia, para um paiz onde o uso da agua é considerado como um luxo para as pessoas abastadas.

E a este respeito uma nota curiosa que tomámos ha poucos mezes n'um dos primeiros hoteis do Porto, e que tira todo o tom de *charge* a esta nossa asserção. Innegavelmente o Grande Hotel do Porto é um dos mais bem montados de Portugal. Um bello edificio, quartos luxuosos, banhos excellentes, serviço de primeira ordem. Esse hotel tem tres andares. Como em todos os hoteis, os quartos do primeiro ou segundo andar são mais caros, os do terceiro tem preços mais modestos e destinam-se ás pessoas menos abastadas. Pois no primeiro e segundo andar, ha umas casas indispensaveis e extremamente intimas, tem agua: no terceiro ha duas casas com a differença de não terem agua!

A agua ali é considerada como um objecto de luxo, como o tapete nos quartos, e os reposteiros nas portas. No terceiro andar, é o andar barato, o andar para as pessoas que não são ricas, e por isso não tem luxo; — nem tapetes, nem reposteiros, nem agua!

Sabemos perfeitamente que com agua ou sem agua esta nossa nota de viagem não é das mais proprias para uma carteira de lembranças, entre tanto depois do humorismo que a imprensa de Lisboa tem feito com o frontão municipal, nós podemos fazer o mesmo que a Duqueza de Septemonts depois da entrada da Estrangeira nos seus aposentos, abrir de par em par as portas que todos os assumptos podem agora entrar!

E além de tudo a nossa nota é uma pagina da historia da hygiene publica e do aceio particular em Portugal no anno de 1882.

Depois de se entrar no Limoeiro, é-se obrigado a prestar homenagem á indole pacifica e honrada do nosso povo.

Com uma prisão d'aquellas é realmente extraordinario, como em Lisboa não ha todos os dias assassinatos medonhos e roubos colossaes.

Porque diga-se a verdade o Limoeiro se como cadeia deixa tudo a desejar, como escola é uma obra prima, é um verdadeiro monumento.

Ali o ensino mutuo tem a sua mais ampla applicação: os grandes assassinos, os ousados fascinoras vivem na mais doce intimidade uns com os outros, tão doce que ás vezes trocam facadas, como ainda ha poucos dias, em contacto permanente com todos os presos, ensinando aos calouros do crime com a palavra e com o exemplo, como se perde todo o sentimento da dignidade humana, como se faz habilmente uma infamia, como se mata destramente um homem.

O pobre diabo que é preso por dar um socco n'um inimigo, por ter roubado um pão para matar a fome, por ter transgredido uma postura municipal e não ter dinheiro para pagar as custas do processo, está ali quinze dias ou um mez na companhia honrosa, na intimidade instructiva dos maiores assassinos que todo o reino tem produzido. E quando de lá sáe a primeira vez, traz todos os preparativos para grande criminoso. Se volta lá segunda vez, sáe bacharel na nobre arte de matar gente.

Dada a bella organisação da nossa cadeia central, propomos que, em vez de se lhe chamar Limoeiro, se lhe chame com muito mais propriedade — Lyceu do crime.

Palavra d'honra, que a honrada cadeia não roubou este titulo, pertence-lhe de direito.

Ha, porém, uma coisa ainda pejor que o Limoeiro. Parece incrivel, mas ha. É o Aljube! a prisão das mulheres. Duas casinholas quasi a cahir, com o chão esburacado e a agua a escorrer pelo tecto, onde as nodoas se alastram em desenhos exquisitos: a criada provinciana, suspeita de roubar um annel a sua patróa, ao lado da mãe que mata o filho recem-nascido: as raparigas honestas, que por ignorancia, por estupidez, por instigação alheia, commetteram um pequeno delicto, muitas vezes nem ainda comprovado, ao lado das desbocadas messalinas das viellas immundas, que dão e levam facadas nos botequins d'Alfama: tudo isto ali está misturado, mais que misturado, quasi emassado, *empilhado*, n'umas casas sem luz e sem ar, na ociosidade vadia e na tagarellice perigosa de todos os dias e de todas as noites. E para completar o quadro ignobil, creanças de collo mamam nos peitos resequidos das mães encarceradas, o leite fortalecido a caldo de feijão branco, emquanto outras de tres e quatro annos, brincam pelos cantos, com gargalhadas sonoras que teem o som lugubre dos cantos da agonia, d'essas vidas mortas ao nascer.

E depois de sahir do Limoeiro e do Aljube, a gente acha profundamente logica a Boa Hora, e fica extactica ante todos os governos do nosso bello paiz!

E agora uma pequena nota — as cadeias de Lisboa estão assim, tendo a dirigil-os um homem muito intelligente e muito zeloso, o sr. Agostinho da Cruz, que faz milagres de boa vontade dentro dos limites acanhados da sua gerencia; tirem de lá esse homem, ponham um administrador que afine pelo diapção do zelo dos estadistas portuguezes por este ramo importantissimo da administração publica, e o Lyceu transformar-se-ha logo em Universidade.

Temos gasto quasi todo o nosso papel com o Limoeiro e o Aljube: não o lamentamos, e voltaremos breve a esta importantissima e gravissima questão Alem d'isso a semana tem sido falha de assumptos notaveis: um assassinato em Cintra, almas do outro mundo em Santa Martha quasi ao pé da minha porta, que ainda não poude ver por causa de uma rebelde bronchite, e a quem peço a amabilidade de demorar ainda alguns dias por estes sitios para eu ter o praser de a visitar: a abertura do Theatro do Gymnasio, que teve mão feliz na escolha da peça, a *Estação Calmosa,* de Duru e Chivot, uma comedia engraçadissima, excellentemente traduzida pelo sr. Ferro, e explendidamente representada e ensaiada: uma peça original portugueza no theatro de D. Maria — a quem faço igual pedido ao que dirigi á alma do outro mundo, a estreia do Mello e Silva Pereira, no mesmo theatro, dois artistas de notavel talente, que estão ali no seu logar, a abertura dos Recreios, com o *Corcunda,* um drama de copo e espada muito notavel, de Paulo Feval que em tempo foi representado em D. Maria, fazendo o grande actor Rosa pae, o papel de Logardère, agora feito pelo actor Posser, e ámanhã a inauguração da epocha lyrica com uma companhia realmente excepcional, e como ha muitos annos não vem a Lisboa, uma justa mas brilhante compensação da companhia da epocha passada, e finalmente o frontão...

Comprehendem decerto que ponha aqui ponto final na chronica.

Gervasio Lobato.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

I

Quando fogem da terra estes espiritos superiores que por muito tempo aqueceram e alumiaram com sua luz guiadora os progressos do povo, e o animaram nos seus desfallecimentos, parece que se sentem estremecimentos de orphandade, desagasalhos de ninho em que deixaram de estar estendidas azas protectoras, desamparos de tutela salutar.

Não é porque o mundo não continue a sua existencia millenaria, e a machina da vida social não prosiga nos seus movimentos com as mesmas equivalencias de força motriz, e identicos termos de producção; é porque aquella luz fazia bem, dava calor e alegria para o trabalho, fé e vontade, confiança nas proprias forças.

E quando esses espiritos romperam nos seus horisontes sociaes, por entre cerrações de tempestade, de nuvens tumultuadas pelos ventos, despedindo faiscas fulminantes, e chegaram, n'um arrebol de paz, como que a dominar os elementos em desordem, e a fixar-se no limpido azul de uma athmosphera serena, a sua desapparição é como se subitamente se apagasse um astro que nós julgáramos propicio.

O jornalista eminente que a 15 de setembro ultimo, foi levado em cortejo solemne de homenagem triste, a um tumulo do cemiterio occidental de Lisboa, onde a voz da posteridade lhe está segredando n'este momento a mais honrosa sentença que pode lavrar-se na pedra tumular de um morto recente, — compensação expontanea de injustiças e aggravos immerecidos, — era modelo de firmeza e fé na missão da imprensa, exemplo de isenção e civismo, de amor da justiça e da liberdade, livro sempre aberto aos que, de intenção pura, buscassem a sua lição, auctorisada pelo exercicio interrupto das suas possantes faculdades durante quasi 50 annos no forum do jornalismo, onde a sua eloquencia severa e incisiva dominára tantas vezes a opinião, e a convencera e transformára.

E foi tal o seu apego a esse instrumento poderoso de libertação popular, que depois de um tão longo estadio, quebrantadas as forças physicas, cercado de preoccupações e de cuidados o espirito, não desamparou um só momento a sua tribuna, constituiu n'ella a sua verdadeira gloria, e ainda, por entre as allucinações da febre, que a fresca athmosphera de Cintra, aonde falleceu na manhã de 13 de setembro, não diminuiu, cuidava em revêr as provas typographicas do seu ultimo artigo, perguntando se o moço da imprensa as tinha trazido.

Era o habito do trabalhador incançavel, que todos os dias em tão extenso curso de annos, e a determinada hora, dava a ultima demão aos trabalhos do dia. Seguia as maximas de Seneca, um dos seus auctores favoritos, sobre o aproveitamento do tempo.

O mar, que a tantos espiritos tem exaltado, ensinando-lhes as suas inergias, inspirando-lhes heroismos assombrosos na inquebrantavel fortaleza do seu batalhar sem fim, devia ser ainda a feliz escola dos primeiros dias do fundador definitivo do jornalismo politico em Portugal.

Não se nasce impunemente ao pé das ondas, acostumando-se a harmonisar os vagidos da infancia com o echo dos temporaes, a perder o medo com a vista e o rugido d'esses gigantes aquosos, arremetento atrevidamente e em esforço incansavel contra os duros rochedos que lhe circunscrevem a liberdade, e que despedaçam os navios inoffensivos.

Quem consultar a biographia de alguns dos nossos homens proeminentes, hade tirar a convicção de que foi o mar que lhes retemperou o espirito para as inergias da virtude, para os arrojos da inspiração, para a força moral na lucta e no soffrimento.

Fernandes Thomaz, o chefe inspirador da nossa primeira revolução liberal, a de 1820, nasceu á beira mar, na Figueira.

José Estevam, em Aveiro, como, proporçõeguardadas, Demosthenes em Athenas, acostulmou-se no fragor das vagas a ouvir o clamor das multidões tumultuadas, e a fazer vibrar por cima d'ellas a sua voz potente.

Antonio Rodrigues Sampaio teve o seu berço quasi sobre as penedias da margem occeanica em o norte de Portugal, na actual freguezia do Mar, da invocação de S. Batholomeu, concelho de Esposende, n'uma das brancas e humildes casinhas que ali se misturam com as cabanas dos pescadores, e aonde, na data do seu nascimento, 25 de julho de 1806, não chegava a haver cem moradores; gente valente, honrada e religiosa; valente pela reacção necessaria contra os despotismos do mar, que lhe rouba os filhos dia a dia; honrada pela vida simples do trabalho da pesca e da lavoura; religiosa por convicção e tradicções, que a freguezia foi no seculo passado séde de um mosteiro de frades bentos, e era ainda então lugar da mais luzida romaria annual do Minho.

1806, o anno em que tambem nasceu o illustre jornalista francez Emilio de Girardin, com quem Sampaio havia de em muitos pontos assemelhar-se excepto na fortuna e no caracter, 1806 era vespera de longas provações para o paiz.

A mão que empunhava na Europa a espada mais temida, passado um anno d'esta data, tomava por momentos a penna do legislador nacionalicida, e decretava em Fontainebleau o absosuto aniquilamento da nação portugueza.

E não tardára que 45:000 francezes e hespanhoes invadissem as nossas terras, para conquistal-as, emquanto os pacificos moradores fugiam apavorados de suas casas para os montes, mattos e florestas, crendo salvar a vida e a honra.

Maria de Amorim, a honesta mulher do modesto lavrador Antonio Rodrigues Sampaio, que dera a vida e o nome ao futuro jornalista, fugiu tambem com os seus para os montes proximos, á voz de: — *Lá veem os francezes!* — levando ao collo o filho, que de pouco mais de um anno assim recebia o baptismo da emigração e do soffrimento.

Era a primeira habilitação.

Muitas haviam de succeder-lhe.

Elle poude legitimamente exclamar um dia, n'um artigo da *Revolução de Setembro*, na epoca da sua mais viva florescencia jornalistica, parando o golpe d'um contrario: — «*Nós fomos do berço para as prisões e para a guerra, vós...*» Seguia-se uma lançada profunda no adversario.

E era verdade: elle fôra do berço para as prisões. Vejamos.

Estudadas com um padre as primeiras letras, com outros o latim, a philosophia racional e moral, as *humanidades*, e a theologia, para seguir a vida ecclesiastica, a que seu pae o destinava, tomou ordens menores aos 15 annos, mas quando quiz receber ordens de epistola, encontrou tenacissima opposição nos padres bracarenses, o que deu rebate nas suas faculdades desprecatadas, e lhe mostrou que a liberdade de consciencia não era compativel, não diremos com o estado ecclesiastico, mas com a sociedade ecclesiastica em que tinha de viver.

O joven minorista, no seu insaciavel desejo de saber, não podéra escapar á influencia das idéas novas, que tendo em jorro entrado as fronteiras a par da invasão franceza, haviam sido o pollen fecundante da revolução de 1820, que as soltára a torrentes, e que, ligeiras e suaves como a brisa do mar, tinham ido refrescar a cabeça da mocidade por todos aquelles logares e aldeias.

O seu espirito enthusiasta e sincero, talvez as tivesse expandido insensivelmente nas lições que dava gratuitamente aos rapazes pobres da freguezia, e d'essa circumstancia brotariam as suspeições, as espias aguçadas, pela inveja que a superioridade do seu talento acirrava.

Até os seus innocentes sermões eram sujeitos á censura previa do prelado Bracarense.

O seu brio, na reacção natural contra taes prevenções, ia extremando os seus principios e formando o decalogo do seu credo.

Passou, não sem estremecimentos de tristeza para elle, a reacção de 1823, contra as conquistas da revolução de 1820.

Os caudilhos d'essa reacção estavam por ventura entre os padres que em Braga lhe não eram sympathicos. Essa cidade fôra o foco da revolução anti-constitucional.

Veio a outhorga da carta, a sua proclamação, a acclamação de D. Pedro, em seguida a de D. Miguel em varias terras do reino, o seu contracto de casamento com D. Maria II, a sua posse do governo do reino e juramento da carta, a dissolução das côrtes, a convocação dos Tres Estados, e a definitiva acclamação de D. Miguel. Rebentára a revolução liberal no Porto, mas exgotados os meios de resistencia, a junta emigrara com os seus partidarios activos. Reinava em todo o reino o systema das perseguições e os odiosos processos do despotismo.

Sampaio havia sido prohibido de ensinar a mocidade, embora o fizesse gratuitamente, com a convicção do serviço que prestava á civilisação, ensinando o povo, com a abnegação do apostolo.

Já então entendia o que mais tarde affirmou, n'estes apophtegmas que insistentemente e por varias fórmas repetiu: — «Dae ensino ao povo, dar-lheheis commodidades, força, riqueza e moralidade. Facilitae-lhe o exercicio de todos os direitos, e desenvolvereis a liberdade.»

Uma manhã, no dia de todos os Santos, que a freguezia de S. Bartholomeu do Mar devia de parecer o dia de todos os diabos, estava Sampaio ajudando á missa, que na egreja parochial dizia o parocho, seu padrinho, quando ali entraram vinte e dois soldados de infanteria, e, sem respeito pelo sacrificio religioso, levaram prezos o celebrante e o acolytho, que assim foi forçado a voltar as costas ao altar; e para sempre.

Levaram-nos para o Algube do Porto, onde esteve preso dois annos e meio, e aonde, como Borges Carneiro em S. Julião da Barra, passava as horas do captiveiro ensinando os outros presos, tendo ahi aprendido o inglez para lhes lêr nas folhas de Londres as noticias da emigração liberal e dos seus esforços para a restauração da rainha e da carta.

Solto em Abril de 1831, foi trabalhar para o escriptorio do seu ex-companheiro de prisão, o advogado Ferreira Tinoco, em Barcellos, aonde se instruiu no direito publico portuguez e cursou os classicos de que a bibliotheca d'aquelle advogado estava provida.

Desembarcado no Porto o exercito da Terceira, deixou Barcellos e foi alistar-se voluntario da Rainha, no segundo batalhão seguindo na fileira até ao fim da lucta.

Mas o soldado, adstricto ao principio rigoroso da obdiencia passiva, que devia ser mais tarde a caracteristica de uma das suas mais salientes virtudes partidarias, embora retraisse e acanhasse o seu nome e a sua iniciativa de chefe, e estadista; era uma simples machina de guerra, e o seu espirito tinha outras necessidades. Elle ambicionava poder ao mesmo tempo dizer o porque dos seus tiros; poder:

—«Mandar em cada bala para o campo inimigo uma proclamação que convencesse sem matar.»

Pediu para traduzir as noticias estrangeiras na *Vedeta da Liberdade*, uma folha de 4 paginas, em 8 columnas, do formato do *Occidente*, que se publicava no Porto, e se vendia a 20 réis. Tinha por baixo do titulo estes versos de Camões:

«Defendei vossas terras que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.»

Foram n'essa pequena folha, da qual dentro em pouco teve a direcção, os seus ensaios jornalisticos.

Acabada a lucta era ella o orgão principal da opposição ao partido conservador, que se tinha vindo formando desde a Terceira, e que tão fundamente havia de dividir os liberaes, em proveito mesmo do aperfeiçoamento das instituições. Muitos dos sinceros e honrados luctadores de 33 tomaram-se de um amor idolatra, de ciumes cegos pela carta constitucional, que quasi convertiam em dogma infallivel, e indiscutivel, e na interpretação pratica, que ás vezes lhe davam, chegavam a soluções despoticas. Eram os conservadores, ou *cartistas* puritanos. Em frente d'estes se erguia o partido popular com as suas aspirações mais avançadas. A camara dos deputados de 1835 havia sido dissolvida. O governo de que era presidente o duque da Terceira, para trazer maioria nas novas eleições, deixára praticar violencias affrontosas nas assembléas. A agitação dos animos tocava os limites da combustibilidade, quando chegaram do Porto os deputados opposicionistas, a quem em Lisboa se havia preparado uma recepção triumphal. O governo tomou precauções, e fez repressões. Accendeu o phosphoro. O incendio rebentou. Na noite de 9 de setembro o povo, escudado pela guarda nacional, sua representante armada, e em attitude de quem tinha a consciencia da sua força, dirigiu-se ao paço das Necessidades, intimando o seu querer aos gritos de: *«Abaixo os ministros! Viva a constituição de 1822!* A rainha foi forçada a ir á camara municipal jurar essa constituição, a demittir o governo, e a chamar ao poder o mais notado chefe da revolução, Manuel da Silva Passos. Tentou-se 55 dias depois anullar a obra d'este movimento. Essa reacção infructifera custou a vida a um dos ministros decaidos, Agostinho José Freire, assassinado, na calçada da Pampulha, quando se dirigia na sua carroagem para Belem, onde a rainha estava. A revolução chancellára a sua obra. Manuel Passos quiz collocar na administração os amigos leaes dos seus principios politicos. O redactor da *Vedetta da Liberdade* teve de acceitar o secretariado geral da administração do districto de Bragança, de tomar conhecimento pratico do mechanismo administrativo, em que elle via a base mais segura das liberdades populares e a que em toda a sua vida consagrou os seus estudos especiaes, e os mais serenos e desapaixonados cuidados jornalisticos, até conseguir, como estadista, uma reforma em que ficaram consignados tantos preceitos democraticos. 18 dias depois da revolução de setembro em Lisboa o redactor da *Vedetta*, que se via satisfeito com os modestos resultados da popularidade que nas provincias do norte a sua folha adquirira, sentindo necessidade de repousar o seu coração inquieto no seio de um affecto casto e suave, constuia a familia, recebendo por esposa, na egreja de Miragaya, D. Maria Barbosa Soares de Amorim, viuva do capitão de infanteria 18, João de Sousa Amorim, que estivera durante o cêrco na serra do Pilar, e viera morrer a Lisboa, resultado de ferimento recebido na sortida das linhas a 10 de outubro de 1833, em que fôra combatente voluntario. Essa senhora tinha duas filhas, uma das quaes, a sr.ª D. Maria Casimira Soares de Amorim, veio a casar em Bragança, para onde o novo secretario geral partiu com a sua familia, ao receber a nomeação. com Carlos da Silva Sieuve de Seguier.

D'este ultimo consorcio descende a sympathica familia Seguier, cujo chefe morreu no Porto, em 1867.

(Continúa). *Eduardo Coelho.*

O ALMIRANTE BARÃO DO AMAZONAS

FRANCISCO MANUEL BARROSO DA SILVA

No dia 9 de agosto, do corrente anno Montevideu apresentava um aspecto extranho e commovente.

Nos consulados brazileiro e portuguez fluctuavam a meio pau as respectivas bandeiras, e o mesmo se via nos navios de guerra surtos no porto. De meia em meia hora o estrondo de um tiro despedido pelo couraçado brazileiro *Sete de Setembro,* dizia aos habitantes que a terra de Alvares Cabral havia soffrido alguma perda grande.

Pouco depois, de uma casa mo, destarompia um sahimento funebre, que era acompanhado por milhares de pessoas.

Um feretro coberto com a bandeira brazileira e sobre a qual repousava um chapeu armado e uma espada de marinha desferia lentamente por entre um cortejo numerosissimo. O presidente da republica, o ministro da fazenda, e o bispo de Montevideu, membros do corpo diplomatico e consular, commandantes e officiaes dos navios de guerra brazileiros, hespanhoes e italianos com alguns pelotões de marinheiros e todos de grande uniforme, officialidade dos navios de guerra norte-americanos, francezes, argentinos, allemães e da republica oriental de pequeno uniforme, e crescido numero de capitalistas, negociantes, facultativos, advogados, altos funcionarios e mais de tresentos cidadãos do mais notavel da cidade.

Os marinheiros do couraçado *Sete de Setembro* conduziam á mão o precioso feretro até o cemiterio, onde, á sua chegada, duas bandas de musica romperam em funebres accentos.

O corpo que baixava á sepultura era o do almirante brazileiro Francisco Manuel Barroso da Silva, a quem um feito heroico tinha feito conferir o glorioso titulo de barão do Amazonas.

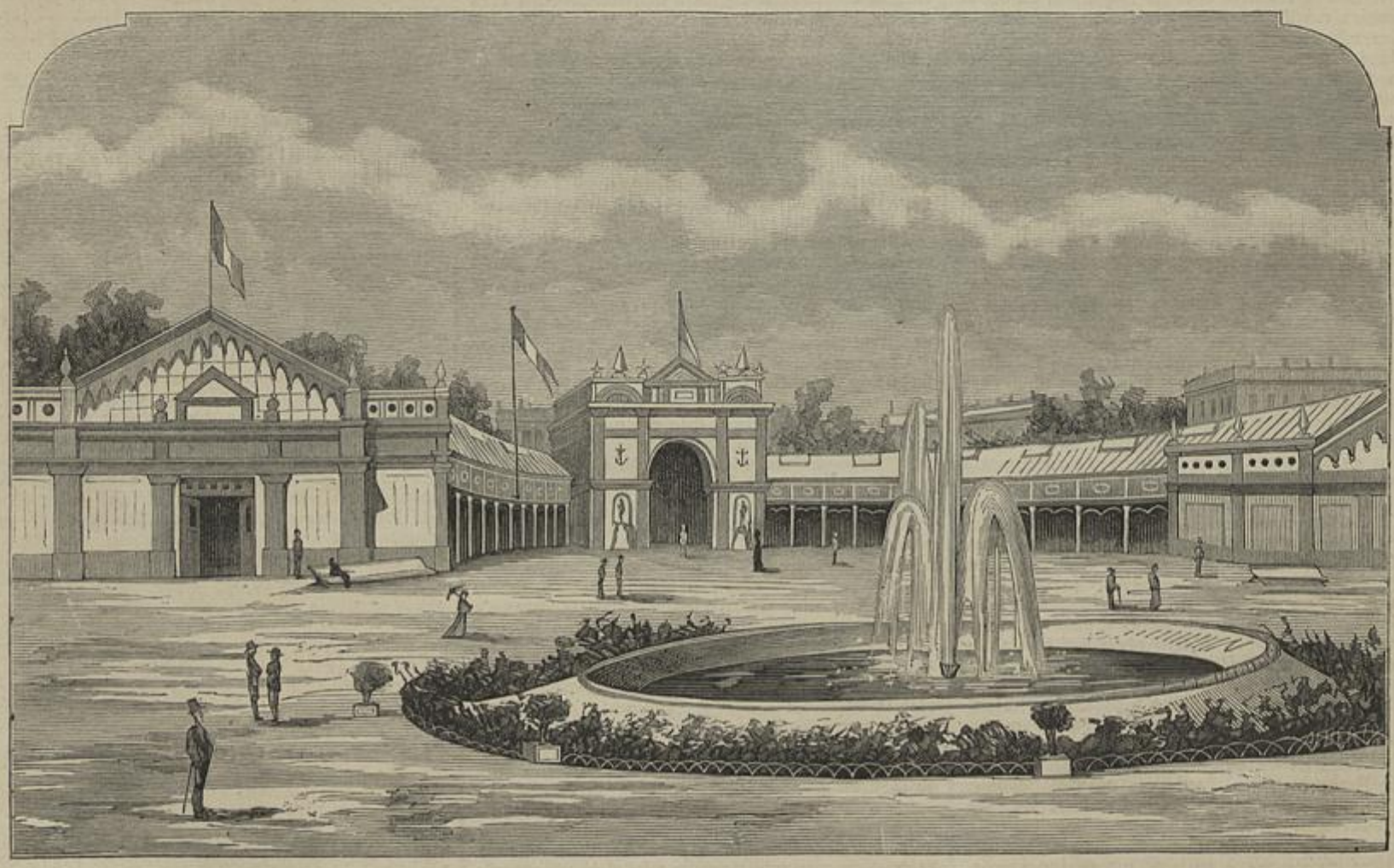
Antes do encerramento do cadaver fallaram junto ao feretro os srs. Alfredo Bastos, Cassiano Farinha, e Carqueja Fuentes que n'um brilhante improviso arrebatou o numeroso concurso que o cercava.

Estas demonstrações de tristeza pelo passamento do valente almirante foram coroadas pelo convite do consul brazileiro feito aos seus compatriotas para tomarem luto por sete dias, em testemunho de sentimento pela perda d'aquelle que elevara ao pinaculo da gloria e talvez salvara d'um grande desastre não só a sua patria adoptiva, mas ainda duas nações alliadas.

Portugal tem grande parte no sentimento d'esta grande perda, porque o almirante Barroso era seu filho. O sangue que lhe corria nas veias era puro sangue portuguez, e não foi este o unico dos nossos que no campo da honra tem misturado o seu com o sangue brazileiro, que em fim portuguez é.

O almirante Barroso nascera em Lisboa a 29 de setembro de 1804, na rua do Chiado (hoje Garrett) n.º 17, 2.º andar, sendo filho de Theodosio Manoel Barroso e D. Antonia Joaquina Barroso da Silva. Feitos os primeiros estudos,

SUCCESSOS DO EGYPTO — LORD WOLSELEY, GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO INGLEZ NO EGYPTO



EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DE BORDEAUX — PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO ESPECIAL DE VINHOS E LICORES

assentou praça na marinha portugueza como aspirante e guarda marinha a 18 de outubro de 1821. Achava-se no Brazil em 1822 quando foi proclamada a sua independencia e foi incorporado na marinha brazileira, como outros individuos em novembro de 1822.

Foi seguindo os postos, sempre em activo serviço, mostrando sempre caracter austero, e denodo no exercicio das suas funcções.

Em 1856, sendo já capitão de mar e guerra commandava o corpo de imperiaes marinheiros.

Em 1858 era já chefe de divisão. Sete annos depois, rebentou a guerra, chamada do Paraguay, em que esta pequena mas energica republica por uma parte, e as tres potencias Brazil, Republica Argentina, e Uruguay por outra parte sustentaram uma lucta gigantesca de seis annos, de evitar essa ameaça, Lopez ordena á sua esquadra que ataque a brazileira. A 11 de junho de 1865, trava-se a lucta no sitio do Riachuelo, entre oito navios brazileiros com sessenta e seis boccas de fogo, e oito vapores paraguayos apoiados por seis baterias fluctuantes e pela bateria do Riachuelo, com o total de 76 bocas de fogo. As forças eram um tanto desiguaes. O *Jequitenhonha*, vae a pique, o *Parnahiba* investido por tres navios paraguayos tem oitenta e um homens mortos. Os paraguayos combatem de todo o modo.

Barroso era chefe do estado maior da armada brazileira, e commandante da 2.ª divisão das forças navaes em operações no Paraguay, a bordo do couraçado *Amazonas* fluctuava a sua insignia. Achando-se no passadiço d'este navio, e vendo o desastre da armada brazileira toma nma resolução heroica. Faz içar o signal — *O Brazil espera que cumpram o seu dever* — e sem esperar mais precipita o seu navio contra a esquadra inimiga. Tres navios dos mais importantes são logo mettidos a pique e em breve a esquadra brazileira que estava quasi perdidase vê victoriosa da multidão de inimigos.

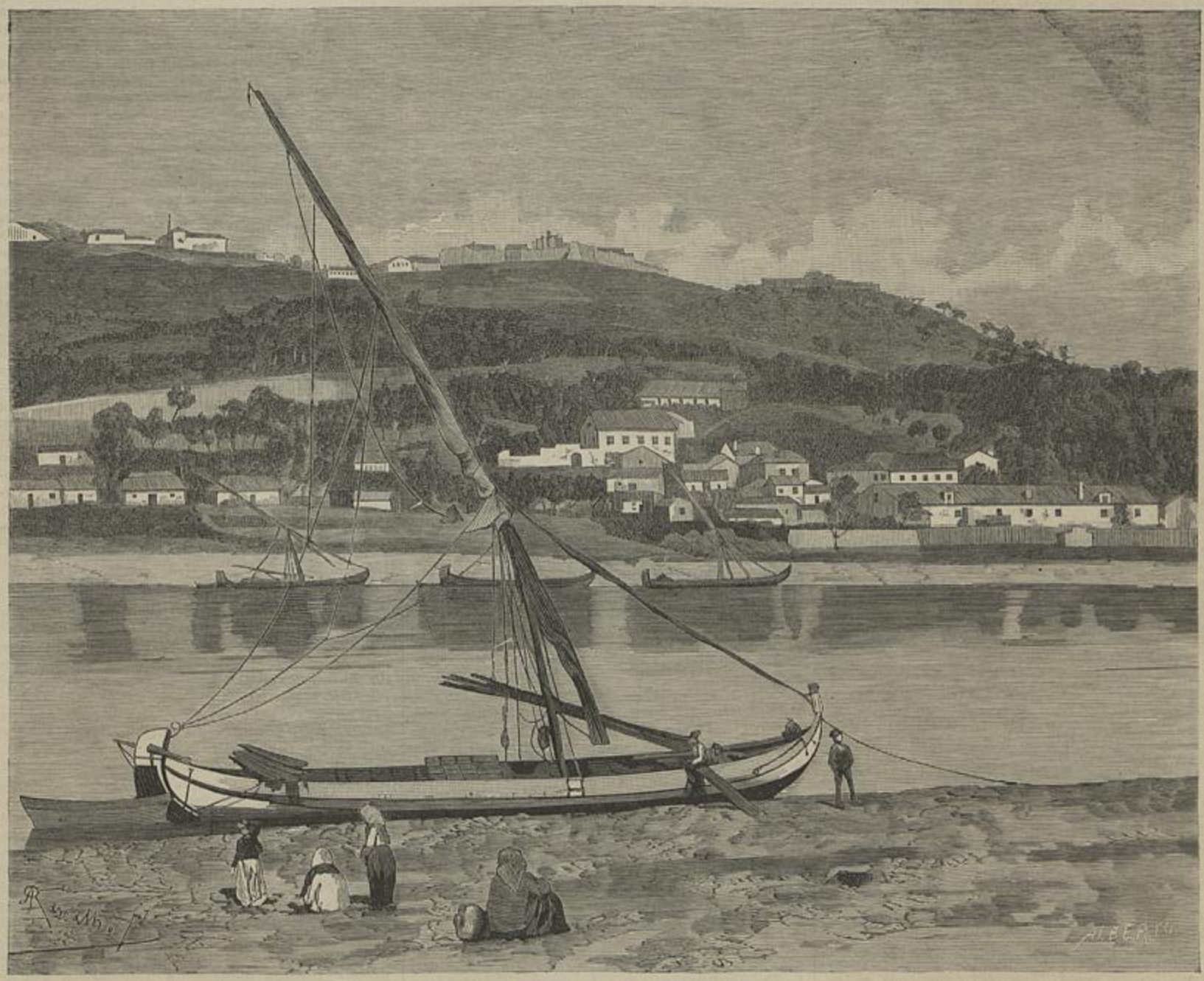
Esta victoria celebrada como um dos feitos mais notaveis da marinha do mundo, imortilasou o nome do nosso patricio e foi quem abriu com chave de oiro a serie de successos que illustraram as armas brazileiras, e da qual dependeu talvez todo o processo da lucta.

A arriscada manobra, imitada mais tarde por Teghetoff na batalha de Lissa, valeu a Barroso o titulo de barão do Amazonas, do nome do navio com que a praticou, e foi celebrado na capital do imperio e em toda a parte.

Elevado depois Barroso a vice-almirante em 1871, e depois a almirante, teve a infelicidade de perder a vista. Ha poucos mezes porém, em Montevideu, uma operação feliz restituira-lh'a. Quando voltou á capital do imperio, foi um dia de regosijo publico, foi uma apotheose em vida, que devia consolar o velho marinheiro, do desgosto que durante a sua forçada noite devia ter soffrido.

Mas pouco tempo poude gozar, esta quasi resurreição á vida visivel. Mezes depois, aquelle que os combates tinham poupado, que a cegueira não podéra derribar, succumbia a uma pneumonia aguda, na capital argentina, longe dos seus. O cadaver do bravo almirante devia ser conduzido ao Rio de Janeiro a bordo da corveta *Paranahyba*.

A nobre princeza do prata prestou o devido



ABRANTES (Segundo uma photographia de Rochinni)

não tanto pelo numero de forças que entravam em acção, como pelas difficuldades e trabalhos enormes que as marchas e ataques custavam.

Depois do golpe imprevisto de Francisco Solano Lopez, presidente da republica do Paraguay, referido a pag. 267 do nosso 4.º volume, e feita a alliança entre as tres potencias acima indicadas, Lopez invadira a provincia brazileira de Matto Grosso, ameaçava a do Rio Grande do sul e por uma serie, de operações felizes chegou a causar terror á propria capital do imperio.

O Brazil, que dispunha de pouco numeroso exercito, foi enviando as suas forças para o theatro da guerra, e o mesmo fizeram os seus alliados.

A esquadra brazileira, que já tinha cooperado no Uruguay no anno antecedente na batalha de Paysandu, occupava o Paraná, ameaçando a rectaguarda do general paraguayo Robles. A fim preito ao heroe luso-brazileiro, como se fosse seu proprio natural.

A capital do imperio brazileiro levanta-se a pagar a divida de reconhecimento ao filho de Lisboa, e seu cidadão adoptivo. A camara municipal na sua sessão de 16 de agosto, sob proposta do sr. commendador Malvino da Silva Reis, resolveu abrir uma subscripção nacional, para com o seu producto se levantar na praça 11 de Junho, uma estatua ao heroe da batalha d'esse dia. Nomeou-se para esse fim uma commissão composta dos vereadores srs. Malvino Reis, Carneiro Leão, Quartin e Chaves Faria, afim de tratar do assumpto.

Descance em paz o bravo marinheiro, e confiamos na respeitabilidade dos nomes dos membros da commissão, que em breve será pago o devido tributo de glorificação ao valente portuguez-brazileiro.

J. B.

SUCCESSOS DO EGYPTO

V

O ponto principal dos artigos sobre que se levantaram duvidas era que segundo o projecto de Cherif-pachá, o orçamento seria apresentado á camara, a qual o discutiria e approvaria até certo e determinado dia; se até esse dia não tivesse havido approvação ogoverno usaria do orçamento como se tivesse sido approvado.

Dos 52 artigos, de que constava a lei organica, que estabelecia as relações entre a camara e o governo, havia accordo em 48 e apenas os que se referiam ao orçamento levantaram o conflicto. A camara appresentou um contra-projecto, conforme com o que se pratica nas nações constitucionaes da Europa, atribuindo a ella só o direito de votar, discutir e approvar o orçamento, não podendo o governo usar d'elle senão depois de approvado.

O governo via-se pois entre dois fogos; d'um lado os *controllers* inglez e francez, insistiam com Cherif-pachá para que não ficasse á camara o direito que ella queria, porque isso contrariava o movimento financeiro até ahi estabelecido, e que tinha posto em ordem a fazenda egypcia, d'outro lado a camara impellida pelo partido militar ou nacional de que era filha, não queria ceder n'este ponto.

Ainda a 29 de janeiro, houve uma conferencia á noite entre uma deputação da Camara e Cherif-pachá, em que se deram mutuamente explicações, e póde ser que d'ahi viesse a idea de um accordo.

No entanto havia reunião permanente em casa de Mahmud-Samy-pachá, e de Sultan-pachá; na primeira, onde influia com toda a sua energia Arabi-bey, a queda de Cherif-pachá era decidida, e regeitada toda a idéa de tranzação, na segunda, ao contrario, agitava-se e tomava importancia a idéa de um accordo, o que parecia muito rasoavel.

Foi n'estas circumstancias, que Arabi-bey informado do que se passava na reunião Sultan, e receioso pelas consequencias, tomou o expediente de se dirigir a ella com alguns membros da primeira, e em pouco tempo fez transformar e annular as resoluções já adoptadas.

Então uma deputação da camara dirigiu-se promptamente ao khediva a pedir-lhe a demissão do ministerio Cherif-pachá, era a 2 de fevereiro. Os consules estrangeiros receiosos das consequencias que esse acto podia produzir e que infelizmente mais tarde se realizaram, foram chamados ao palacio pelo khediva para com elles se aconselhar no assumpto.

Esta conferencia, porém, foi inutil, porque n'essa mesma occasião appareceu Cherif-pachá pedindo a demissão, que lhe foi acceite.

Este acto entregou o poder, naturalmente nas mãos do partido militar, que desde o anno anterior o cubiçava.

O novo ministerio foi constituido por Mahmud Barudi-pachá, presidente e ministro do interior; Mustapha-Fehmi, dos negocios estrangeiros; Ali-Sadek, da fazenda; coronel Arabi-bey, da guerra; Mahmud-Helmi, obras publicas; Abdallah-Feyri, instrucção; Hassan-Cherei, das Vakufs (propriedades religiosas).

Não obstante isso, desde logo a alma, a influencia do ministerio, se viu que era Arabi, apezar de não ser primeiro ministro.

Logo a 5 ou 6 de fevereiro Mahmud-Barudi visitou os consules geraes estrangeiros, declarando-lhes que o novo ministerio respeitaria todas as obrigações internacionaes, ao que lhe foi respondido que, n'esse caso, podia contar com o seu appoio.

Dirigiu tambem ao khediva uma especie de carta-programma, na qual enumerava as administrações cuja existencia estava garantida por obrigações internacionaes, e que deviam ser mantidas no estado actual. Dizia-lhe tambem que o primeiro acto do novo ministerio seria apresentar uma lei organica, que respeitasse escrupulosamente todos os direitos e obrigações internacionaes ou particulares e todos os compromissos relativos á divida e aos encargos que ella impõe.

Que a lei organica determinaria a responsabilidade dos ministros para com a camara, o que, longe de ser um motivo de perturbação devia antes ser o complexo de todas as condições desejaveis para assegurar todos os interesses.

O khediva acceitou este programma, como não podia deixar de ser, e acceitaria outro qualquer.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BORDEUS

Tratando nós, quanto possivel, de fazer conhecer dos nossos leitores todos os factos contemporaneos mais notaveis, e nomeadamente aquelles que se podem relacionar mais ou menos directamente com a nossa industria, commercio, agricultura, artes, emfim com a vida geral da nação, não podemos deixar de dar noticia, ainda que rapidamente, da Exposição internacional de Bordeus.

São de todos conhecidas as exposições mais ou menos desenvolvidas que n'aquella activissima cidade da França se tem realisado. Nas ultimas, depois de exforços vehementes dos nossos homens mais notaveis, e dos nossos illustrados consules barões de Roussado e de Mendonça, Portugal apresentou-se mais que regularmente. D'essa apresentação, em que fez conhecer os productos do ramo da sua industria agricola, que mais directamente poderiam interessar aquella rica região vinicola da França, colheu em breve os resultados mais satisfatorios, materialmente fallando, porque os vinicultores bordeleses correram a Portugal a comprar os nossos vinhos, que mais afinidade e parecença tem com os seus, os da região torreana, os quaes a industria franceza, assimilando aos seus, espalha pelo mundo com o pomposo nome de — *Bordeaux*.

Pode a vaidade nacional soffrer com isso, mas ganham com certeza os productores.

Na segunda quinzena de junho do ccrrente anno verificou-se a referida ultima exposição. Foi na explanada de Quinconces, que tem por limites o molhe de Luiz XVIII, sobre o Garumna e as Avenidas de 30 de julho, de Chartes, e de Orleans, que se levantou o edificio da exposição. Constava este de um corpo central de elegante estylo architectonico, rodeado de explendidos jardins. Ladeavam-n'o largas praças e graciosos macissos de flores, por entre os quaes se estendiam os pavilhões annexos, as galerias independentes, e os mais estabelecimentos que completavam aquelle certamen da industria.

O edificio principal estava dividido interiormente em vastos salões, galerias e passagens, contendo numerosos productos da arte e da industria, relativos á secção 1.ª, 2.ª e 4.ª do concurso, desde o material pedagogico até os mais bellos productos da horticultura. Ali se viam os utensilios necessarios á fiação e fabrico de cordeis e cabos maritimos, ali os instrumentos de precisão, objectos de esculptura decorativa, delicados trabalhos de ourivesaria e joialheria, ceramica e outros.

Entrando no recinto da exposição pelo poente immediatamente á praça da Comedia via-se para o lado esquerdo o lindissimo pavilhão dos vinhos e licores que a nossa estampa de pag. 220 representa.

Encerrava este pavilhão a parte mais importante da exposição; era construido em fórma de semicirculo, tendo ao lado dois pequedos annexos para instalações particulares. Ao fim da barreira e por de traz do pavilhão levantavam-se dois outros pequenos, mas lindos pavilhões para os productos vinicolas da provincia da Navarra, perfeitamente representada, e para cervejas de diversas classes, expostas por um fabricante bordelês.

Nas sallas internas ostentavam-se as mostras (como dizem os italianos e hespanhoes e nós precisamos dizer) de vinhos e licores de quasi todos os centros productores do mundo. Ali Bordeux, Borgonha e Champagne; seguiam-se os da peninsula, *sobresahindo os de Hespanha, e entre estes os de Andaluzia*, (como diz a *Illustração Hespanhola* a quem seguimos) viam-se logo os hungaros, os allemães, chamando particularmente a atenção os do Rheno; alem os de Chipre e Tenerife, os da Nova Gales e Australia. Nos extremos e em galerias lateraes, viam-se já em pequenos barris, já em caprichosas garrafas elixires digestivos, licores, cognacs, aguardentes estrangeiras, vermouts, amargos, aperitivos de diversas classes, cervejas em numero consideravel e de uma infinidade de variedades.

Havia estatuas, columnas rostraes, onde se exposeram com exquesito gosto productos horticolas; uma tenda ambulancia da sociedade *Soccorro aos feridos* com todo o material correspondente; machinas, fornos, bombas elevadoras d'agua; material de construcção, telha, tijollo, variedades de pedra artificial. Havia alem d'isso theatro, restaurants, cafés, estabelecimentos de utilidade e recreio; uma capella catholica (na Bordeux republicana!) aquario, titeres, tiros de pistola, etc.

A 25 de junho, primeiro domingo immediato ao dia da abertura, foi a exposição visitada por 35.000 mil pessoas; nos dias de trabalho regulavam as entradas por 2:500 pessoas.

Muito de proposito sublinhamos acima as palavras *sobresahindo os de Hespanha e entre estes os da Andaluzia*, que o periodico hespanhol emprega, referindo-se aos vinhos peninsulares, para fazer convergir sobre este ponto a attenção dos nossos leitores e especialmente dos nossos productores, vinicolas directamente interessados no assumpto.

Outras noticias já nos haviam feito saber que a exposição fora mal concorrida por parte de Portugal. Porque?

É muito natural entre nós dormir-se muito sobre qualquer assumpto, e invocar sempre o *Amanhã Sancto Amanhã de Portugal*, como dizia Garrett; não é só n'isto, é em tudo. Aquella febre de actividade dos seculos XV e XVI degenerou em modorra perniciosa.

Ou espaçamos as coisas para um amanhã, que vae fugindo e nunca chega, ou mal colhemos uma pequena vantagem, abraçamo-nos com ella e dormimos, sem nos lembrar que os outros não dormem, que estão mais perto, e que pouco a pouco podem arredar-nos para o lado, e tornar-nos inuteis.

A morte do barão de Mendonça deve ter concorrido para isso; mas que os nossos agricultores e vinicultores, meditem bem no proverbio — quem não apparece, esquece. — Se os seus vinhos foram gostados, conhecidos, apreciados e procurados, foi porque appareceram e bem, mas é preciso que appareçam sempre e se façam lembrados, quando não os estranhos podem desapossar-nos das vantagens obtidas.

Mostrámos que a nossa immensa variedade de vinhos, singular entre todos os paizes da Europa póde com vantagem ser aproveitada por aquelles que os produzem similhantes, mas não nos fiemos nisso; *omnia vincit labor* e os outros á força de trabalho pódem imital-os e prejudicar-nos. Vamos entrando no commercio universal de parceria com os estranhos, até que depois de muito e muito conhecidos possamos abandonar, a especie de tutella e apresentarmo-nos por nós mesmos.

Até lá é necessario apparecer, apparecer sempre e cada vez com melhoria, progredindo sempre.

ABRANTES

Na margem direita do Tejo a 138 kilometros ao nordeste de Lisboa assenta a formosa villa de Abrantes, com o seu notavel castello a coroar-lhe a povoação.

A origem d'esta villa perde-se na mais remota antiguidade, sendo, entretanto fóra de duvida, que já era povoada no tempo dos romanos.

É gloriosa a sua historia, porque foi theatro das mais porfiadas luctas em todos os tempos, e quando o exercito francez em 1807 transpoz as fronteiras de Portugal, Abrantes foi das povoações que mais soffreram com essa invasão, dando-se ali um facto singular que não deixa de ser comico.

É bem conhecido o lastimoso estado em que o exercito francez atravessou o nosso paiz, mais parecendo um bando de scelerados que tropas regulares e limpas em boa ordem e bem providas. A maioria d'esses soldados arrastavam andrajos, vinham descalços e esfaimados, e portanto, como consequencia emediata d'este estado; praticavam a rapina e o rombo por onde passavam.

Abrantes não foi isenta d'este tributo, e os seus habitantes ficaram todos descalços, porque os francezes lhe roubaram os sapatos.

O desforço d'este abuso tomaram-n'o heroicamente os filhos de Abrantes quando em março de 1811 puzeram em debandada os francezes depois de uma resistencia de seis mezes.

O primeiro titulo d'esta villa foi o condado concedido por D. Affonso V a D. Lopo d'Almeida, D. João V depois a elevou a marquezado, sendo seu primeiro marquez Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes.

Durante o dominio francez Napoleão Bonaparte fez duque de Abrantes ao general Junot cuja esposa, escriptora notavel, deixou entre outros escriptos mais conhecidos, umas memorias e uma obra intitulada *Souvenirs d'une ambassade en Portugal*.

Abrantes é tambem berço do nosso popular actor Taborda que alli nasceu a 8 de janeiro de 1824.

Esta villa é considerada praça de guerra de primeira ordem e tem um quartel de infanteria.

É formada por quatro freguezias com 1:200 fogos, e 5:000 habitantes.

A sua posição sobre o Tejo dá-lhe um aspecto extremamente pittoresco e tem todas as condições para se poder desenvolver, participando já de um dos beneficios do progresso, pois que é estação do caminho de ferro do norte e leste.

CASA ONDE NASCEU O VISCONDE DO RIO BRANCO

A gravura que se vê em a nossa pagina 224, não se ostenta pelas bellezas artisticas que não tem, mas unicamente porque envolve uma recordação que se não deve esquecer, tão humilde é a sua apparencia.

Essa gravura representa a fachada de uma casa mais que modesta, de apparencia pobre mesmo, que se encontra na Ladeira da Praça, na cidade da Bahia; entretanto, foi n'ella que nasceu uma das maiores glorias do Brasil o visconde do Rio Branco, eminente estadista e um dos mais denodados deffensores da emancipação da escravatura no Brazil.

Em o n.º 17 do nosso 1.º vol. publicamos o retrato e biographia d'este brazileiro illustre, que do humilde berço em que nasceu se soube elevar pelo seu talento aos maia altos postos da sociedade, por isso não insistiremos agora em repetir o que já foi dito no nosso periodico.

A casa tem a seguinte inscripção, em uma pequena pedra embebida na parede.

Ladeira da Praça Nº 8. Nasceu no dia 16 de Março de 1819. O Visconde do Rio Branco.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 135)

A despeito d'estes queixumes, Lodi não deixou de ser emprezario, e exerceu este cargo por muitos annos no theatro de S. Carlos. É indubitavel, todavia, que o emprego não se tornava muito invejavel n'aquellas epochas. Para os theatros poderem subsistir, recorria-se muitas vezes ao expediente das loterias e rifas, com auctorisação previa do governo.

Com o intuito de dar uma ideia do que fossem estas loterias ou *casas de sortes*, fallarei de uma que Lodi fez em 1794, em S. Carlos, por ter desoccupados muitos logares de platea, e innumeros camarotes desde a 2.ª até á 5.ª ordem.

Os premios eram bilhetes de camarotes e de plateas, para umas tantas recitas, variavel entre um e 154, representando este ultimo numero o de metade das representações de um anno. A importancia total da loteria excedeu vinte e nove contos de réis, de que se tiraram dois por cento para despezas. Cada sorte custava dez réis. A extracção fez-se diante do ministro inspector do theatro, que ficou depositario de uma das tres chaves do cofre, onde se guardou o dinheiro proveniente da loteria. Este foi applicado para o pagamento do pessoal, aluguer do theatro, e mais despezas do custeamento.

Em setembro de 1792 os actores do theatro do Salitre enderessaram ao principe do Brazil, que desde 10 de fevereiro d'aquelle anno exercia o governo, um requerimento, nos termos seguintes:

«Os comicos do theatro do Salitre foram aquelles que a V. A. rogaram a licença para que se abrisse o theatro publico, e estes mesmos foram os que mereceram da benigna piedade de V. A. a licença pedida; succede porém que se permittiu unicamente a sobredita licença para o theatro da Rua dos Condes, sendo este até agora de Italianos, e o mesmo emprezario a quem se concedeu esta graça foi aquelle que o anno passado expulsou fóra do dito theatro os comicos nacionaes, de forma que para continuarem as suas representações foram acolhidos ao theatro do Salitre, em cuja casa teve o dono uma avultadissima perda, e como o meio de a poder resarcir é continuarem com o trabalho de sua casa, parece de razão que a benigna piedade de V. A. deve permittir que tenhamos os dois theatros, visto haver companhias portuguezas para elles, que não sendo assim padecerão inconsideraveis indigencias, pois é impossivel accommodar em um só theatro os comicos todos que existem: esta é a graça que supplicam, pois o regio desejo de V. A. certamente não é fazer uns felizes e desgraçados outros...»

Fica-se portanto sabendo que o emprezario da Rua dos Condes em 1792 era o mesmo que tivera o theatro no anno anterior. E este o motivo que me levou a dizer que Lodi tomara a empreza em 1791, visto ser elle que a tinha em 1792, conforme se lê no folheto do *Impresario in angustie*.

(Continúa). *Maximiliano d'Azevedo.*

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1645. — Outubro 1. — Morre em Lisboa a celebre poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, natural do Porto e filha do desembargador Ignacio Ferreira e D. Paula de Sá Pereira. Fallava perfeitamente o hespanhol e o italiano e sabia a fundo o latim, a mathematica, a philosophia e a rhetorica Foi tão celebrada poetisa que Lopo de Vega a denominou a *Decima Musa*. Filippe III a quiz nomear mestra de seus filhos, honra que ella recusou. A sua *España Libertada* e as suas *Soledades de Buçaco* são poemas que lhe conquistaram justa celebridade.

Foi sepultada no mosteiro das Carmelitas descalças. Havia nascido em 1595.

Bernarda Ferreira de Lacerda foi escriptora de rara erudicção e portentoso engenho e admirada não só pelos seus, mas pelos estrangeiros. A fama da sua sabedoria foi européa.

1833. — 1. — Morre em Lisboa, cega e quasi esquecida, a grande cantora e insigne actriz portugueza Luiza Rosa de Aguiar, conhecida pelo nome de M.me Todi, por haver casado com o violinista italiano Francisco Xavier Todi.

Nasceu a celebre rival de Mara em Setubal em 6 de janeiro de 1753.

1864. — 1 — Estreia em Lisboa, no real theatro de S. Carlos, da gentil e formosa cantora Volpini, bem como de Tambesi e Squarcia.

Agradaram muito, com especialidade Squarcia, um dos melhores tenores que tem vindo a S. Carlos.

1763. — 2. — É prohibida a publicação de satyras e libellos sendo considerados como caso de devassa.

1831. — 2. — Morre em Pedroiços o erudito polygrapho e pamphletista José Agostinho de Macedo, auctor das *Meditações*, do *Newton*, do *Oriente* e muitas outras composições litterarias de grande valia.

Adoptou o nome arcadico de *Elmiro Tagideo*. Jaz na egreja do convento de Nossa Senhora dos Remedios, sita no largo do Rato. Havia nascido em Beja em 11 de setembro de 1761.

1839. — 2. — O governo faz cessão á Camara Municipal de Lisboa do terreno onde havia estado o palacio do Thesouro, reduzido a cinzas pelo incendio que ali se manifestou em 14 de junho de 1836. O fim d'esta acquisição feita pela camara, foi o de ali fazer levantar os Paços do Conselho.

O pedido ao governo foi dirigido em 9 de outubro de 1837, e pouco tempo depois satisfeito, mas determinando o governo levantar um theatro nacional, tratou de rehaver da camara aquelles terrenos, o que conseguiu pela somma de dez contos de réis, em 18 de maio de 1841.

1852. — 2. — Debute em S. Carlos da celebre bailarina Augusta Dominichete, bem como do baritono Bortholini com a opera Nabucodonosor.

Foram as duas notabilidades mais applaudidas naquella opera lyrica.

1864. — 2. — Estreia no theatro de S. Carlos de Lisboa, da insigne prima dona assoluta M.me Borgui-mamo, mãe da cantora do mesmo nome que nas duas epochas passadas fez as delicias dos *dilletanti* Foi aquella estreia com a opera *A Favorita* mostrando a illustre prima dona o seu admiravel talento e todos os recursos do seu previligiado orgão vocal.

1823. — 3. — É restabelecido o ministerio da marinha, que havia sido creado por alvará de 28 de julho de 1736, e depois supprimido pela carta de lei de 8 de novembro de 1821.

1875. — 3. — Morre pelas 3 horas da manhã, em Bemfica, o distincto poeta e orador Claudio José Nunes.

1763. — 4. — Primeira sessão organisadora da *Academia dos Singulares*.

A divisa d'esta sociedade litteraria consistia em uma pyramide, na qual estavam inscriptos, da base até ao vertice, os nomes de Homero, Aristoteles, Virgilio, Ovidio, Horacio, Camões, Garcilasso Gongora e Lope de Vega, com o lemma «*Solaque non possunt hæc monumenta mori.*»

1843. — 4. — Debute em S. Carlos da famosa cantora Rossi-Caccia, na opera *Anna Bolena*.

Foi considerada como um dos *sopranos sfogato* mais harmoniosos que até ali se tinham feito ouvir no nosso theatro lyrico.

Os elogios na imprensa foram geraes; houve alguns que chegaram a denominal-a *famosa mimica e divina cantora*.

1810. — 5. — Morre no presidio da Trafaria, accusado de jacobinismo, ou amigo dos francezes, o mavioso poeta Domingos Maximiano Torres (Alfeno Cynthio.)

Era escriptor de grande imaginação, muito versado nos auctores gregos latinos e italianos. A sua linguagem tem grande pureza vigor e energia.

1866. — 5. — Estreia no theatro de S. Carlos de Lisboa da eximia prima dona absoluta Rey-Balla, com a opera *Macbeth*.

A voz d'esta insigne cantora, extensa, de timbre rijo, quasi metalico dando notas agudas e vibrantes, mas dulcissimas, puras, limpidas e maviosas, eclipsam as recordações que haviam deixado as mais afamadas artistas que a tinham precedido.

1880. — 5. — Reune-se na sala das sessões da Camara Municipal de Lisboa, a grande commissão de jornalistas e escriptores portuguezes, afim de se assentar a melhor maneira de se erigir, por subscripção nacional, um monumento á memoria do grande historiador Alexandre Herculano.

1869. — 6. — Sóbe á scena pela primeira vez—no theatro de D. Maria—o drama em 5 actos D. Frei Caetano Brandão, original de A. da Silva Gayo.

Este drama que assenta nas mesmas molas do drama Frei Luiz de Sousa, de Almeida Garrett, valeu esplendidos folhetins feitos por Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Luciano Cordeiro e Oliveira Martins insertos na *Revolução de Setembro* e *Jornal do Commercio*.

1832. — 7. — Morre o escriptor popular José Daniel Rodrigues da Costa, auctor do *Almocreve das Petas, Barco da Carreira dos Tolos* e outras obras periodicas de não menor popularidade n'aquelle tempo. Era incorrecto mas com muito espirito. Ha quem tenha pretendido imital-o, mas inutilmente. A *verve* de José Daniel era notavel e expontanea, e marca uma individualidade litteraria muito notavel.

1847. — 8. — Henrique Spira dá o seu primeior concerto em S. Carlos no seu instrumento de madeira e palha.

Obteve n'este instrumento da sua invenção muitos applausos. O segundo concerto e ultimo d'aquelle theatro foi no dia 11.

Deu ainda alguns outros na Floresta Egypcia, sendo vivameute applaudido.

1867. — 9. — Inauguração do monumento erigido a Luiz de Camões na praça do mesmo nome em Lisboa. Foi levantado por subscripção nacional, sendo a primeira pedra lançada em 28 de junho de 1862.

O auctor d'este monumento foi o esculptor Victor Bastos.

1852. — 10. — Debute no real theatro de S. Carlos de Lisboa, da famosa cantora M.me Anaide Castellan, com a opera Somnabula.

A extensão da sua voz admiravel, *(soprano sfogato)* a extraordinaria perfeição em toda a escalla chromatica sobresahindo os trillos. fizeram de Castellan a maior cantora que até ali se tinha ouvido no nosso theatro lyrico e a collocaram na primeira plana das principaes notabilidades dos theatros lyricos da Europa.

Castellan, successora da Grisi, teve todavia quem amesquinhasse os seus dotes como cantora e como eximia tragica dando-lhe como superior a celebre Alboni, que então representava em S. Carlos por um contracto especial. N'essa opera lyrica se formaram dois partidos: os *albonistas* e os *castellanistas*.

Vejam-se a este respeito alguns folhetins que o sr. Ribeiro Guimarães publicou no *Portuguez*. em março de 1855,

1864. — 10 — Apresenta-se ao publico na praça do Campo de Sant'Anna o afamado andarilho hespanhol D. João Antonio Genaro, denominado o *homem wagon* e *homem locomotiva*.

Deu 70 voltas em torno da praça em menos de cinco minutos sem parar! No domingo seguinte venceu na mesma praça um cavallo a galope dando este apenas 69 voltas, entretanto que o famoso andarilho fez setenta e tantas e continuaria se o não fizessem parar! Na ultima tarde em que se apresentou ao publico houve uma aposta de 18:000 réis entre elle e o caminheiro portuguez chamado Claudio José alcançando aquelle a palma da victoria.

Prometteu acompanhar o comboyo, desde Santa Apolonia até á Povoa (17 kilometros) o que não sei se cumpriu, mas do que ainda me lembro é que em concurso com uma carruagem, a todo o escape, elle conseguiu chegar primeiro a Cintra.

1866 — 10 E' constituida em Lisboa uma sociedade, com o capital de 80 contos, para compra de terreno proprio para a edificação de um theatro e de salões para baile, concertos e outros divertimentos.

D'esta empreza surgiu o theatro da Trindade, de Lisboa, casa de espectaculos mais bem construida e em melhores condições technicas que hoje existe na capital.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

La Libreria *Catalogo Mensual de Gaspar, Editores,* Madrid. N.º 2 correspondente a junho e julho, illustrado com gravuras e grande profusão de annuncios das obras mais importantes.

Supplemento ao Catalogo geral e descriptivo das Plantas cultivadas no Real estabelecimento Horticulo de José Marques Loureiro, Porto. E' um importante additamento ao grande catalogo, publicado ha tempos pelo sr. José Marques Loureiro, proprietario de um dos primeiros estabelecimentos horticulos do nosso paiz.

O movimento geographico em Portugal, e Antonio Lopes Mendes, *apontamentos biographicos por Augusto Cesar da Silva Mattos, juiz de segunda classe, 1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa, fornecedores da casa de Bragança, 6, rua do Thesouro Velho,* — 8.º francez de 24 paginas, com o retrato do biographado, gravado no *atelier* do proprietario e director artistico do nosso periodico. São sempre gratos estes trabalhos que tem por fim fazer conhecidos dos seus concidadãos os homens de trabalho e dedicados, que fazem da sua vida constante applicação ao bem e ao progresso do maior numero. Estas leituras são sempre proveitosas.

O positivismo, *revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos, Porto. Livraria Universal de Magalhães e Moniz — editores — 12 — Largo dos Loyos.* — 12.— Publicou-se o n.º 2 do 4.º anno d'esta revista, correspondente a março e abril do corrente anno. Contém os seguintes artigos: *Marcha da politica europea em relação aos destinos da civilisação occidental,* pelo sr. Theophilo Braga continuação e conclusão de um trabalho já começado anteriormente; — *Tradições populares portuguezas (XI. O Diabo)* pelo sr. Consiglieri Pedrozo, a respeito do qual trabalho já nos temos occupado varias vezes, e que o auctor prosegue com afan, cuidado e perseverança, cercando-o de todos os elementos que se vão colligindo nos diversos paizes. *Embriologia: Uma idéa popular do que ella vale na theoria de Darwin e do que é a philosophia de nossos avós perante ella* pelo sr. Arruda Furtado; Bibliographia: *Os Cantos flamengos, por H. Schuchardt,* conclusão pelo sr. Gonçalves Vianna; *Notas* pelo sr. Julio de Mattos, e uma pagina commemorando o fallecimento do grande naturalista Carlos Darwin. Contem 100 paginas este fasciculo.

Os Mysterios do Povo por Eugenio Sue. Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa. Estão publicados mais tres volumes d'este romance VII, VIII e IX.

Diccionario Universal Portuguez, collaborado pelos principaes escriptores. Livraria Zeferino editora, Lisboa. Estão publicados os fasciculos 39 e 40 pertencentes já ao 2.º vol. A publicação segue com toda a regularidade.

O Instituto *Revista Scientifica e Litteraria,* vol. XXIX maio e junho de 1882, segunda serie n.os 11 e 12 e vol. XXX, segunda serie n.º 1, Coimbra. Os numeros 11 e 12 são dedicados ao centenario do Marquez de Pombal e publicam um retrato e o desenho da medalha commemorativa do centenario mandada cunhar pela Universidade. São de elevado conceito os artigos que ornam estes numeros, e da mais selecta collaboração.

Sciencia para todos *Revista semanal illustrada,* Redactor Francisco d'Almeida, Lisboa. Temos recebido regularmente este periodico, que vae em o n.º 37.

É uma publicação muito util e proveitosa e que concorre largamente para a illustração do povo.

Catalogue de Livres Anciens et Modernes et Estamps, *en vente aux prix marqués a la librairie de E. de Brito Monteiro Rua de S. Boa Ventura, 57. Lisbonne.* Dá noticia de 199 obras litterarias completas e 84 estampas.

Os Cavalleiros do Amor por Alvaro Carrillo, traducção de Cunha e Sá. Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa.

Este romance de que só recebemos o segundo volume é um dos melhores da litteratura hespanhola e está muito bem traduzido pelo sr. Cunha e Sá.

Bibliotheca do povo e das escolas... *segundo anno quinta serie — 1882 — David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro. Administração. 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa, succursal no Brazil: 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* Publicaram-se os fasciculos n.º 38 = *Direito Romano,* e n.º 39 *Chimica Organica,* illustrada com seis gravuras. A importancia dos assumptos d'estes fasciculos é de primeira plana, porque o primeiro, é a principal base do nosso direito moderno, e importa muito conhecer as fontes d'este, para se entenderem bem as suas applicações e desenvolvimento; o segundo tratando dos corpos que entram na composição dos seres organisados (vegetaes e animaes) analisa as suas combinações, acções e reações e d'aqui se deprehende qual o interesse e conveniencia que deve ter para nós em todos os usos da vida, o conhecimento d'esta importante parte dos estudos chimicos. Estes assumptos estão tratados com singeleza e clareza.

BRAZIL—Casa onde nasceu o Visconde de Rio Branco, na cidade da Bahia

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento—Retrato de Antonio Rodrigues Sampaio.

Tambem tem direito a este supplemento todas as pessoas que tomarem a assignatura de este periodico por um anno.

Para os compradores avulso este supplemento custa 400 rs., com o periodico 500, o periodico só 120 rs.

ENIGMA

(TEM 25 ANNOS)

Explicação do enigma do numero antecedente:

As boas uvas fazem bom vinho.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente,** rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encommendas.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do Occidente tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do Occidente, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1$200 réis.

SUPPLEMENTO AO N.º 136 DO OCCIDENTE

1 DE OUTUBRO DE 1882

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO.—Fallecido a 13 de Setembro de 1882

DESENHO DE MACEDO E CHRISTINO, GRAVURA DE ALBERTO (Segundo uma photographia).